

PRESSUPOSTOS PARA SE PENSAR A QUESTÃO DA TÉCNICA EM *SER E TEMPO*

Assumptions to reflect about the technique in Being and Time

Poliana Emanuela da Costa¹

Resumo: Partindo do pressuposto que o Ser é notavelmente o escopo de toda a filosofia de Heidegger, este artigo procura indicar traços pontuais daquela que foi considerada o maior labor intelectual de sua vida: *Ser e Tempo*. Com o intuito de explorar o projeto da analítica existencial, Heidegger lança mão de dois conceitos, o de *manualidade* e *circunvisão*. Trata-se de explicitar, a partir desses conceitos contidos na obra *Ser e Tempo* a contribuição original do filósofo para o diagnóstico crítico da modernidade e para posteriores aprofundamentos filosóficos sobre a técnica moderna. Por fim, a comunicação indicará à luz da discussão realizada a partir das reflexões de Heidegger, uma alternativa possível para outro modo de lidar com a técnica, não desprezando sua importância para as modificações e desenvolvimento do homem e da natureza, mas tampouco absolutizando o modo como a técnica modifica a interação do homem com o mundo em que habita.

Palavras-chave: Heidegger; Ser; Técnica moderna.

Abstract: Based on the assumption that Being is notably the scope of the whole philosophy of Heidegger, this article seeks to show occasional traces of what was considered the greatest intellectual labor of his life: Being and Time. In order to exploit the project's existential analytic, Heidegger makes use of two concepts: handedness and circumvision. It is explicit from these concepts contained in the book Being and Time the original contribution of the philosopher to the critical diagnosis of modernity and subsequent philosophical insights about the modern technique. Finally, the Notice indicates in the light of the discussion held from the reflections of Heidegger, a possible alternative to otherwise deal with the technique, not disregarding its importance to the changes and development of man and nature, but neither the absolutizing how the technique modifies the interaction of man and the world he inhabits.

Keywords: Heidegger; being; modern technique.

Introdução

Ao pensarmos na técnica na era moderna somos invariavelmente tragados para um tipo de pensamento que se configura através da engenhosidade de tudo que é técnico. De outro modo, uma discussão sobre técnica na era moderna atesta o risco de nos enredar por concepções há muito discutidas no período do pós-guerra. Escritores como Aldous Huxley (1953) com o best-seller *Admirável mundo novo* no qual oferece uma aterradora visão sobre o novo destino da humanidade, isto é, o de não ter destino, pois a técnica, segundo o autor

¹ Mestranda em Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGFIL/UFRN. Orientador Rodrigo Ribeiro Alves Neto. E-mail: poliana_emanuela@hotmail.com

encerraria previamente toda a possibilidade de liberdade humana. Por outro lado, há os apologistas da técnica como Max Bense ressaltando o grande progresso desenvolvido pelos inventos técnicos. (SAFRANSKI, 2000, p. 460). Foi exatamente neste cenário não inédito que Heidegger cuidadosamente, formulou suas concepções sobre questão da técnica na era moderna.

Não mais inscrito em uma ordem de ideias nas quais as concepções mais correntes sobre a técnica se delineiam por uma dicotomia entre nociva e benéfica para a humanidade, Heidegger procura encontrar um novo ponto de partida para realizar uma discussão sobre essa questão. Não obstante, o que permite tecer com maior fidelidade a questão da técnica no pensamento de Heidegger é adentrarmos no seu objeto central de estudo. Assim, poderemos compreender como esse objeto é analisado em momentos distintos do seu pensamento, tanto na fase de *Ser e Tempo*, quanto ao que se refere a escritos posteriores e, por conseguinte, seu entrelaçamento com a questão da técnica.

Manualidade e circunvisão em Heidegger

A questão do Ser atravessa dorsalmente toda a filosofia de Heidegger. Isto se dá de modo tão peculiar que somente um olhar mais atento permite compreender como o elemento essencial de sua filosofia, isto é, o Ser arremata de todos os lados os temas principais de sua obra: *humanismo, linguagem e técnica*. Poder-se-ia, por este motivo acreditar que Heidegger permaneceu em todas as fases de seu pensamento soterrado pelos escombros da antiga metafísica ocidental. Contrariamente a isso, Heidegger demonstra constantemente em seus escritos, notoriamente nos anos 40 e 50 que pensa uma nova ontologia, um novo aceno do Ser. “*Assim devemos questionar, mais uma vez a essência da técnica. Pois, em sua essência, deita raízes e prospera, como se disse, a força salvadora*” (HEIDEGGER, 2008, p. 31). A essência da técnica é para Heidegger a própria metafísica no seu processo de entificação do Ser. De antemão é necessário esclarecer que é justamente nesse desdobramento que a questão da técnica adquire um status dialético, pois se ela se configura como esquecimento de Ser, abre também a possibilidade de o pensamento ser sorrateiramente assaltado por ele.

Desse modo, analisaremos dois conceitos pontuais daquela que foi considerada o maior labor intelectual de sua vida: *Ser e Tempo*. Com o intuito de compreender singularmente os pressupostos do pensamento de Heidegger para explorar posteriormente a questão da técnica. Os conceitos aqui analisados são o de *manualidade e circunvisão*²:

Ao se lidar com o instrumento no uso, a ocupação se subordina ao ser-para (Um-zu) constitutivo do respectivo instrumento; quanto menos se olhar de fora a coisa martelo, mas se sabe usá-lo, mais originário se torna o relacionamento com ele e mais desentranhado é o modo em que se dá ao encontro naquilo que ele é, ou seja, como instrumento. O próprio martelar é que descobre o “manuseio” específico do martelo. Denominamos de *manualidade* o modo de ser do instrumento em que ele se revela por si mesmo. (HEIDEGGER, 1998, p. 110-111).

Considerando o conceito de manualidade tratado por Heidegger, algumas inquietações se apresentam diante deste artigo como, por exemplo: como esclarecer coerente, porém, sucintamente a concepção de Ser como sustentáculo dessa ideia? Como estabelecer

²Podemos encontrar os temas em Ser e Tempo supracitados na perspectiva de Marco Antônio Casanova (Nada a caminho: impessoalidade, nihilismo e técnica na obra de Martin Heidegger, 2006. São também tratados em uma tese de Doutorado, cujo título é: pressupostos ontológicos para se pensar a Nova Tecnologia: técnica, informação e Ser e Tempo, defendida por Soraya Guimarães da Silva (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN).

uma aproximação entre a noção de manualidade e a questão da técnica na era moderna sem nos perdermos em um labirinto vasto de conceitos apresentados por Heidegger?

Em primeiro lugar, a análise da manualidade em Heidegger é uma consequência inevitável da própria condição humana. Pois, de acordo com a interpretação que fazemos do seu pensamento, o homem já é desde sempre *ser-no-mundo*, ser lançado ao mundo dentro de uma estrutura prévia e imerso nas ocupações cotidianas através do manuseio de instrumentos. Aqui, Heidegger permanece envolto nas concepções de *manualidade*, *instrumentalidade* e *circunvisão* como fontes reveladoras do *ente*. Não obstante, percebemos a intenção de uma contraposição à ideia absoluta de uma *entificação do Ser* como constante presença, do mesmo modo como o fez a metafísica ocidental. Heidegger não efetiva o ente como Ser, antes o coloca na esfera das possibilidades subordinadas ao tempo. O tempo se constitui como fonte primária de toda engrenagem que articula a ideia de Ser e de ente como Ser.

Como compreender então que a concepção de Ser possa fundamentar a ideia de manualidade abordada por Heidegger? A manualidade visa através dos instrumentos descortinar e fazer aparecer o *ente* como tal, isto é, o *ser do ente*. Essa evidência por sua vez está atrelada a um todo estrutural de significados. Homem juntamente com os *entes intramundanos* no seu manuseio formam toda essa conjuntura de significados. É justamente essa autonomia do homem enquanto *ser-aí* lançado no mundo previamente imerso no horizonte do tempo no processo de manuseio dos instrumentos que faz cair por terra à ideia de um *ente* absoluto como constante presença adotada pela metafísica ocidental.

O '*Aí*' do ser-aí articulado por Heidegger se constitui como uma estrutura prévia a toda presentificação. Tal afirmação não quer dizer que o '*Aí*' como estrutura prévia seja de igual maneira uma presentificação constante e absoluta. Pois o '*Aí*' enquanto Ser, embora esteja essencialmente vinculada a temporalidade, não apresenta em '*Ser e Tempo*' um fundamento conceitual e entificador, mas é conduzido pelo horizonte do tempo. O '*Aí*' enquanto Ser é condição de toda e qualquer possibilidade de se relacionar desse ou daquele modo com o ente.

Neste sentido, a manualidade é um modo originário de se aproximar do ente intramundano, porém, deficiente de se aproximar do Ser. Por outro lado, o modo de *lidar* deficiente com o Ser demonstra que o seu constituinte fundamental é o próprio Ser. É ele quem rege toda e qualquer forma de abertura humana de apreendê-lo. Em segundo lugar, e agora mais cuidadosamente, tentaremos estabelecer um entrelaçamento entre a concepção de manualidade levantada por Heidegger e a questão da técnica na era moderna. Faremos isso de maneira despretensiosa, tendo em vista que não imputaremos uma articulação proposital entre esses dois momentos do pensamento de Heidegger. Antes, o que pretendemos é tecer um fio condutor que nos permita compreender de modo mais lúcido como Heidegger chegou ao desenvolvimento da questão da técnica sem abandonar suas reflexões anteriores.

O que há por trás do grande império da técnica e o que assegura sua hegemonia é a edificação do ideário de funcionalidade dos inventos técnicos. A incumbência de funcionalidade já tacitamente presente no homem moderno consolida de antemão a originária estrutura constituinte humana, que é a de estar no mundo com tudo aquilo passível de ocupação. O esclarecimento e o aperfeiçoamento de funções não estão apenas presentes nos objetos talhados pelo homem. O próprio ser humano em pleno apogeu da técnica é tomado inteiramente por uma ideia e vontade compulsória de se fazer particularmente um instrumento de função específica. Este modelo de projeção da existência humana é vista expressivamente a partir do século XVII com a predominância do racionalismo cartesiano. Este novo movimento da história suprime as mais diversas expressões humanas, dando lugar apenas aos desígnios da ciência moderna e, portanto, ao desejo de conformidade funcional do homem e do espaço ocupado.

Como eixo de articulação, remontaremos à análise à luz do pensamento de Heidegger em '*Ser e Tempo*', mas precisamente no § 15, no qual ele apresenta sua ideia do *Ser dos entes* e do *mundo circundante*. Ele inicia a exposição da seguinte forma:

A demonstração fenomenológica do ser dos entes que se encontram mais próximos se faz pelo fio condutor do ser-no-mundo cotidiano, que também chamamos de *modo de lidar* no mundo e com o ente intramundano. Esse modo de lidar já sempre se dispersou numa multiplicidade de modos de ocupação (HEIDEGGER, 1998, p. 108).

As respectivas preocupações contidas no pensamento de Heidegger no que tange a fase da sua obra principal, nos remete a pensar o caráter provocativo do homem sobre a natureza. O manuseio imediato o qual o homem é impelido por sua condição de *Dasein* (*ser-no-mundo*) faz sufocar um possível entendimento sobre o Ser que se esconde por trás da relação estabelecida entre o *Dasein* e os *modos de ocupação*. É preciso, pois, realizar uma depuração desses entes, a fim de afastar a condição exclusiva de uso, produção e ocupação a qual o ente está submetido.

Por outro lado, a demonstração fenomenológica do ser dos entes é forjada pela provocação que o homem exerce sobre tudo aquilo que ele pode lançar mão e, com isso, alterar ou modificar a natureza do ente. Podemos assim, verificar hoje na era moderna, que o ente tal como ele é, no seu modo de ser, não se enquadra nos projetos fúgidos do homem moderno. No entanto, o fato de o homem ser o único capaz de pensar a si junto com os demais entes garante a iminência de realizar uma demonstração fenomenológica.

Muito embora Heidegger esclareça que qualquer relação do homem com o ente tem por fundamento o *Ser*, ele destaca que o homem ontologicamente pensado se desvia e se distrai do seu projeto essencial que é o Ser. Por isso, ele utiliza o termo *pre-sença* para explicar não simplesmente a existência humana, mas o caráter ontológico constitutivo humano. Isso se dá justamente pela condição de proximidade com os entes, o que acaba por tornar a visão humana sobre esses entes opaca e difusa fazendo com que ele “esbarre” em todos eles de maneira desatenciosa, apenas percebendo o seu caráter passível de ocupação. A rigor, Heidegger comenta:

A pre-sença é um ente que, na compreensão de seu ser, com ele se relaciona e comporta. Com isso, indica-se o conceito formal de existência. A pre-sença existe. Ademais, a pre-sença é o ente que eu mesmo sou. Ser sempre minha pertence à existência da pre-sença como condição que possibilita propriedade e impropriedade. A pre-sença existe sempre num destes modos, mesmo numa indiferença para com eles. (HEIDEGGER, 1998, p. 90)

Trazendo essa discussão para a questão da técnica na era moderna, temos claramente uma relação imprópria do homem com o Ser. Esta impropriedade é exatamente um modo específico de lidar com o *Ser*. No entanto, mesmo o homem atuando no mundo e com o mundo guiado por sua relação com o Ser e, por conseguinte, por sua constituição ontológica não é suficiente para promover ou despertar um olhar fenomenologicamente ontológico frente aos entes com os quais ele convive. Ao contrário disso, o estar junto ao mundo aciona um processo de imediatidade.

O homem moderno abandona sua percepção singular em troca de sua percepção referencial. Os entes e a natureza não existem para ele em seu caráter original, mas sim como um conjunto de referências que só existem significativamente na medida em que demonstram utilidade prática e uma disposição de mutabilidade. Assim, o homem pode interferir de todas as formas possíveis na modelagem e realização de novos entes.

O percurso do homem em direção a uma totalidade de referências codificadas, no sentido de cada ente ser designado para realizar uma tarefa específica faz parte, sobretudo, da sua constituição de *Dasein*. Constituição esta que desencadeia na modernidade o controle e assenhoreamento do homem técnico sobre a natureza. A este estado amplo e ao mesmo tempo deslocado de percepção, pois afasta a possibilidade de uma relação mais própria do homem com o *Ser*, Heidegger define como *circunvisão*. “O modo de lidar com instrumentos se subordina à multiplicidade de referências do “*ser para*” (*Um-zu*). A visão desse subordinar-se é a *circunvisão*” (HEIDEGGER, 1998, p. 111).

Quando nos referimos a esse primeiro momento do pensamento de Heidegger expressado em *‘Ser e Tempo’*, percebemos como dito anteriormente, talvez proposital ou não, inquietações latentes para o seu pensar sobre a questão da técnica. Dentre o universo de conceitos criados e tratados peculiarmente por Heidegger em sua obra principal, os de manualidade e *circunvisão* demonstram o quanto é inerente ao homem o impulso de lidar, de forjar e explorar os entes e a natureza até as suas extremidades.

Não obstante, o projeto da analítica existencial traçado por Heidegger trata-se justamente de demonstrar a urgência de se investigar todos os traços de humanidade do homem, ou seja, encontrar no ser humano (*Dasein*), através da analítica existencial todos os modos de ser homem por meio tão somente de suas possibilidades humanas. Porquanto, os conceitos de manualidade e *circunvisão* nem de longe chegam a ser esgotados neste artigo. Antes, esses temas sevem para que possamos perceber o desdobramento inicial das reflexões de Heidegger para se chegar a uma compreensão mais nítida sobre a questão da técnica na era moderna.

Embora, seja permitido interpretar um prenúncio sobre o que Heidegger pensa sobre a técnica na era moderna, não encontramos em *‘Ser e Tempo’* uma definição de homem acordada por Heidegger de que este seria sobre todos os seus modos de ser, um *animal racional*. Sobre isso, Ernildo Stein acrescenta:

Quando falamos dessa primeira forma de pensar, nos surpreendemos já com o modo de Heidegger se referir a ele. Esse pensar é a qualidade fundamental do ser humano. Mas, ao contrário do que fazia a metafísica, Heidegger não vê, nessa primeira forma de pensar, a essência do animal racional. (STEIN, 2006, p. 32).

Neste sentido, o que podemos perceber, nesse primeiro momento, é que a concepção de existência humana tratada em *‘Ser e Tempo’* é um modo inovador de expressar a sensibilidade humana. O fundamento não é mais *um-além-si* da metafísica tradicional, mas uma imersão em um modo específico de existir. É aqui, em contrapartida, que reside o maior distanciamento entre o pensamento de Heidegger em *‘Ser e Tempo’* e a ideia vigente de homem na era moderna. “*Existieren, “existir”... “dar um passo à frente, para fora”, portanto, “aparecer, estar na existência”*” (INWOOD, 2002, p. 58). Em *‘Ser e Tempo’*, Heidegger utiliza pontualmente o respectivo conceito de existência para homem enquanto *Dasein*, ou melhor, um *ente* totalmente diverso dos outros entes por ser formador de mundo. O *Dasein* só é formador de mundo porque ele adentra no mundo em estrita relação com o *Ser*.

Considerações finais

A técnica compreendida em seu sentido moderno como emprego e aperfeiçoamento de meios de exploração e dominação dos *entes*, reforça um distanciamento do conceito de *Dasein* tratado em *‘Ser e Tempo’* e a concepção moderna de homem e sua lida com a existência. Nesta última, se constrói um modelo de destino a partir de uma lógica que norteia a relação do homem com o objeto, e não mais com o *Ser*. Aqui, o homem interroga

o ente a fim de provocá-lo a dar respostas precipitadas ao invés de deixar ser interpelado pelo Ser e seu sentido.

Mas em um sentido mais geral, poderíamos nos perguntar se o *Dasein* totalmente embebido de sua própria existência não seria apenas uma concepção precedente de homem técnico? Na verdade, o *Dasein* caracteriza a diferença que existe entre homem e os demais entes por assumir a completude de sua existência, o único ente que possui extrema vizinhança com o Ser e, portanto, o único capaz de compreendê-lo e interpretá-lo em diversos momentos da história.

Bibliografia

CASANOVA, Marco Antônio. *Nada a caminho: impessoalidade, niilismo e técnica na obra de Martin Heidegger*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *A época das imagens de mundo*. Trad. Claudia Drucker. Disponível em: http://www.imagomundi.com.br/filo/heidegger_imagens.pdf. Acessado 19/02/2012.

_____. *A questão da técnica*. In: Ensaio e conferências. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. *Construir, habitar, pensar*. In: Ensaio e conferências. Trad. Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2008

_____. *Ser e tempo*. Vols. 1 e 2. Trad. Márcia Sá Cavalcante Shuback. Petrópolis: Vozes, 1998.

INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. Trad. Luisa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

SAFRANSKY, Rüdiger. *Heidegger, um filósofo da Alemanha entre o bem e o mal*. Trad. Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2000.

STEIN, Ernildo. *Pensar é pensar a diferença: filosofia e conhecimento empírico*. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.